

O JOGO DA IDENTIDADE BOE

A EDUCAÇÃO DO CORPO EM RELAÇÕES DE FRONTEIRAS ÉTNICAS E CULTURAIS*

Dra. BELENI SALÉTE GRANDO**

Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

E-mail: beleni@brturbo.com.br

RESUMO

O jogo no contexto da aldeia de Meruri, entre os Bororo, foi analisado a partir dos dados da pesquisa etnográfica realizada em 2001, com o objetivo de compreender como se estabelecem as relações entre diferentes maneiras de ser a partir das práticas corporais. As diversas formas de o "futebol" se apresentar como prática social, apontam para as complexas relações que o jogo potencializa em espaços de fronteiras étnicas e culturais. Seu caráter polissêmico e intercultural possibilita visualizar as dimensões complexas e contraditórias em que se dão a educação do corpo boe e a relevância que a corporalidade assume para a compreensão de uma cultura indígena específica.

PALAVRAS-CHAVE: Jogo; futebol; educação intercultural.

* Este estudo resulta do trabalho etnográfico (Mauss, 1993) desenvolvido em 2001, na Aldeia Bororo, Território Indígena de Meruri, localizado a 400km de Cuiabá, durante a pesquisa de doutorado em educação: Corpo e Educação: as relações interculturais nas práticas corporais bororo em Meruri, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2004.

** Coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Corpo, Educação e Cultura – Unemat/Cáceres-MT.

Boe é a autodenominação do povo Bororo que já foi a maior etnia do Centro-Oeste brasileiro e atualmente não chega a 2.000 indivíduos. Amplamente conhecido por meio da antropologia de Lévi-Strauss (1993), vem sobrevivendo “a duras penas” (Viertler, 1990) desde a chegada do primeiro bandeirante paulista, em 1675. O encontro oficial foi em 1716, quando com o ouro criou-se o Arraial de Cuiabá, em 1719. Desde então, as “guerras justas” foram sistemáticas contra o Bororo em luta pela defesa de seus territórios.

A história do contato com esse povo entrelaça-se com a história dos municípios de Cuiabá, Cáceres, Poxoréu, Rondonópolis, General Carneiro, entre tantos, e insere-se no contexto nacional (Ribeiro, 1997), permeada por valores que sustentavam e sustentam a “cultura ocidental” hegemonicamente cristã, capitalista e branca. Esta embasa as relações autoritárias e etnocêntricas estabelecidas historicamente com os grupos étnicos diferenciados genericamente definidos como índios, negros e caboclos.

Neste texto, pretendo dialogar com um conceito de jogo que se constrói nessas relações, em que diferentes formas de ser e de educar marcam o corpo e possibilitam a constituição das identidades coletivas e individuais desde a infância. O jogo aqui explicitado é o das relações interculturais que passam pelo saber da Educação Física, mas que permeiam as práticas sociais cotidianas na aldeia de Meruri, onde os salesianos criaram a escola e procuram educar os bororo para a integração com a sociedade envolvente, há mais de um século (Vangelista, 1996).

A escola indígena, que atualmente já conta com professores indígenas¹, mas ainda é gerenciada pelos salesianos, é um espaço de fronteira² onde os saberes tradicionais bororo estão em constante relação com os saberes tradicionais da educação escolar e da própria Educação Física. Numa relação também intercultural entre a cultura bororo e a cultura da escola, o jogo mais marcante é o jogo que

-
1. Os professores se habilitam em nível médio no Projeto Tucum (1996-2001), junto com mais 10 etnias, e atualmente se habilitam em nível superior no Projeto 3º Grau Indígena/Unemat (2001-2005). Nesses cursos, fui professora das disciplinas de Educação Física (desde 1995) numa perspectiva de educação intercultural visando atender às particularidades e interesses de cada comunidade indígena e em cada aldeia. Neste trabalho, pude constatar a presença do futebol, em mais de 30 etnias, como prática mediadora em relações de fronteiras culturais e étnicas, realizada dentro e fora das aldeias. Em Meruri, no trabalho de campo realizado entre maio e agosto de 2001, essa prática, complexa e contraditória, adquiriu diferentes dimensões que serão apresentadas de maneira mais sucinta neste texto.
 2. O termo fronteira remete a Tassinari (2001), que compreende o espaço escolar indígena como um ambiente de mediações entre diferentes culturas que entram em relações de “fronteiras étnicas e culturais” (Barth, 1998).

explicita os conflitos dessas culturas e possibilita uma mediação para que a educação do corpo boe seja garantida e que as crianças e jovens possam continuar a se identificar como bororo e interagir com a sociedade envolvente.

Nesse contexto complexo de relações interculturais, cujas dimensões simbólicas entre as culturas bororo e salesiana e a “regional/brasileira” se entrecruzam como fronteiras fluidas típicas das culturas, a pesquisa de campo realizada, em 2001, identificou a educação expressa no corpo e a constituição das identidades dos participantes da festa de comemoração dos 25 anos de conquista definitiva do Território Indígena de Meruri, resultado do assassinato do diretor da missão e de um bororo. A festa, possibilitada pela *communitas*³ (Turner, 1974) composta por salesianos e bororo, viabilizou que as práticas corporais fossem vivenciadas sem o controle do olhar vigilante do corpo, e transformou-se no ápice da “educação do corpo” – técnicas e estéticas corporais com as quais a pessoa se constitui. Nessa festa pude compreender as dinâmicas estabelecidas pelos bororo para se constituírem como grupo étnico e como pessoas.

Não é, portanto, por acaso que na festa, além do Ritual de Nominação (“batismo” bororo) e das danças tradicionais (Toro e Jure), o futebol ocupe um lugar de destaque, organizado como torneio entre os times da comunidade, com a integração⁴ de alguns jogadores visitantes/missionários. No futebol, como no Ritual de Nominação, a integração de alguns não-índios aos clãs bororo (tornando-se parentes) acontece aos times da aldeia, geralmente organizados a partir de relações de parentesco.

As festas “religiosas” em diferentes grupos étnicos, como grandes eventos, agregam novos elementos aos rituais tradicionais e possibilitam muito mais que redimensionar simbologias e proporcionar alegria e prazeres com comidas, danças,

3. “[...] A condição de membro de um grupo submete o indivíduo à estrutura e aos conflitos inseparáveis da diferenciação estrutural. Contudo, [...] existe a distinção entre estrutura e *communitas*, encontrando expressão simbólica nos atributos culturais de liminaridade, marginalidade e inferioridade. [...] juntos, constituem a ‘condição humana’, no que diz respeito às relações do homem com seus semelhantes. [...] a *communitas* [...] consiste em uma relação entre indivíduos concretos, históricos, idiossincráticos. Estes indivíduos [...] defrontam-se uns com os outros [...] [Num] confronto direto, imediato e total de identidades humanas, [...] cujas fronteiras coincidem idealmente com as da espécie humana. No entanto, a espontaneidade e a imediatidade da *communitas*, opondo-se ao caráter jurídico e político da estrutura, podem raramente ser mantidas por muito tempo” (Turner, 1974, 158-160).

4. Neste texto, a análise do sentido do jogo é privilegiada em detrimento da análise do futebol como esporte, em virtude dos dados coletados na pesquisa realizada em Meruri e pela particularidade desta. No entanto, para refletir sobre a influência desse esporte no processo de integração dos povos indígenas do Brasil, ver Grando e Hasse, 2002.

músicas etc. Tassinari (2003, p. 303-304) constata que na festa Karipuna “se pode visualizar de forma alegre e dinâmica aquilo que é difícil de encontrar em outros momentos da vida do grupo, pois é na festa que a ‘sociedade’ karipuna toma corpo”. A festa, como ocorre em momentos comemorativos em que o jogo é vivenciado, associa diferentes elementos que se conformam num espaço social singular concorrendo para a compreensão das relações entre os participantes. Como um grande ritual que passa por diferentes momentos e práticas, ela pode configurar-se como importante momento de “fabricação do corpo” (Viveiros de Castro, 1987), de formação da pessoa. Nesse contexto, o jogo é uma forma de expressar esta educação marcada no corpo; entre os bororo foi usado como estratégia dos mais velhos para educar os mais jovens e possibilitar-lhes a identidade coletiva bororo.

Na pesquisa, constatei que o jogo, mesmo quando jogado em situações de competições entre os bororo e os não-índios, embora carregue consigo a tensão característica do esporte/futebol, ainda assim é um jogo de mediação intercultural necessária à constituição da *communitas*, como ocorreu na festa. Mas esta, assim como o jogo de futebol realizado fora da aldeia, traduz as relações conflitivas entre bororo e *braido* (não-índio) vividas no cotidiano e as dimensões que essas relações trazem para as transformações sofridas na educação tradicional e nas práticas corporais.

Assim, mesmo sendo o futebol um esporte da sociedade envolvente, traduz outros sentidos e significados como jogo apropriado e vivenciado como estratégia para uma educação intercultural bororo, garantindo o que Mauss (1969) afirma ser a educação que não se separa da instrução.

Visando explicitar as dimensões complexas e dinâmicas estabelecidas em relações de “fronteiras étnicas e culturais” (Barth, 1998), neste texto privilegiarei as relações de educação mediadas pelo jogo no cotidiano de Meruri.

O JOGO DO TEMPO DA CRIANÇA EM MERURI

A corporalidade, como afirma Lopes da Silva a partir dos estudos de Seeger et al. (1987), deve ser “entendida também como um dos mecanismos centrais dos processos de aprendizagem e transmissão de conhecimentos, habilidades, técnicas e concepções próprias à educação das crianças indígenas” (2002, p. 40).

Em Meruri, a imagem de crianças brincando faz parte do cotidiano da aldeia. Muitas se reúnem fora do horário de aulas, em espaços longe de suas casas, como na área que circunda a igreja e a missão e que fica num espaço aberto com uma área cimentada onde podem jogar bola-de-gude, rouba-bandeira (chinelo), pega-pega, desenhar (com uma pedrinha) etc. Durante esses momentos de reunião de

crianças, é comum que uma delas traga consigo uma criança menor que está sendo cuidada. Para que esta participe do jogo, as outras se revezam no cuidado da criança de colo.

Desde pequenas, as crianças são cuidadas pelo pai, pela mãe, pela avó ou por uma criança maior que pode ser irmã ou tia (de ambos os sexos). Algumas mães trabalham na missão e estudam, sem tempo durante o dia; a responsabilidade sobre os menores é dividida entre os irmãos mais novos ou tios, que devem alimentá-los, dar-lhes banho, passear e brincar com eles. Como afirma Nunes (2002, p. 73), acompanhando outras crianças, irmãos e parentes mais novos ou mais velhos, a criança estará desenvolvendo “suas habilidades, suas invenções, seus conflitos, suas descobertas, seus medos, seus modos de perceber, sentir e reagir aos outros”.

Os diversos tempos da vida não se separam uns dos outros, pelo contrário, integram-se assumindo as características de fenômeno totais, apresentam-se, sempre, com significado (Crespo, s.d.). Nos diferentes tempos da criança, ela assume responsabilidades perante a família e a comunidade/escola, descobrindo seu tempo de brincar e aprender com outras crianças. Estas participam de todas as atividades dos adultos, sempre acompanhando os pais (geralmente a mãe) ou uma parenta mais velha. Nessas atividades, encontram sempre maneiras de se divertir com o que há de disponível no espaço.

No cotidiano da aldeia, quando não há práticas coletivas, no final da tarde, como as ligadas à tradição cultural, horário em que a comunidade faz suas danças no bororo (pátio ritualístico), as crianças de diferentes idades e de ambos os sexos reúnem-se para jogar bola. Brincam em todos os momentos, acompanhando os adultos, outras crianças ou na escola.

[...] as crianças vivem uma permissividade quase sem limites, são onipresentes na aldeia e nas áreas circundantes, e punições quase não acontecem [...]. E é exatamente essa aparente desordem ou falta de ordem, ou antes, uma ordem vivida de outro modo, imersa num espírito lúdico, espontânea e sem compromisso, que pode estar no cerne de todo um processo educacional. [...] o que pode parecer caótico e sem regras, obedece a esquemas rigorosos de construção e transmissão de saberes, e é desse modo que as crianças os incorporam e dele vão tomando consciência (Nunes, 2002, p. 71-72).

Observei em Meruri que meninos e meninas brincam com brinquedos que receberam de presente numa visita à cidade, quando acompanhavam as mulheres na preparação dos ornamentos para a nominação; que uma criança de dois anos tem em sua cabacinha o jogo de imitar os movimentos do chefe de cabaças – chefe ritualístico que coordena as danças cantando e tocando um par de cabaças específicas para o ritual; da mesma forma que na dança imitam os adultos no final das filas

sem serem corrigidas ou orientadas, assim como ocorre no jogo de futebol do final da tarde, quando joga com seus parentes mais velhos (irmãos, irmãs e tios). No brincar da criança, o riso é a regra e, em geral, elas mudam conforme o contexto e com que se joga.

É freqüente a chegada dos seminaristas salesianos para as gincanas e festas comemorativas na aldeia. As crianças participam livremente com seus parentes adolescentes e jovens, até os adultos participam.

O destaque para as relações de jogo entre as crianças, os jovens e os adultos ocorre no “futebol em família”, pois que no final da tarde se reúnem os familiares em redor das casas ou no campo onde os adultos jogam nos fins de semana e feriados. Esses jogos de fim de tarde são importantes momentos de integração entre os familiares em que são permeadas as relações de autoridade e de hierarquia presentes na tradição cultural. Mesmo quando não aparentam diferenças nos movimentos, percebe-se que as crianças, ainda não tendo a compreensão do respeito que devem a estas relações, são ensinadas nos dribles e nos jogos de linguagem, provocando risos. Crianças e adolescentes correm, chutam e podem atirar-se na grama para descansar e voltar ao jogo quando se sentirem motivados. As disputas da bola e dos times – que não têm número, sexo ou idade de atletas definidos – são motivos de graça e de desafio dos limites de cada um.

Nesse jogo, assim como no que acontece nos fins de semana entre os adultos em que os adolescentes e jovens são integrados, não se privilegiam regras nem se exige performance dos participantes. Mas é nesse contexto que os mais velhos vão educar os mais jovens ao cumprimento de regras de comportamento, de horário e responsabilidades com os companheiros, com o cuidado com o que é de todos e também a ceder aos que, por direito na estrutura clânica e de parentesco, devem ficar em campo.

O futebol organizado nos cinco times da aldeia e que ocorre por sorteio nos fins de semana e feriados é uma estratégia educativa significativa entre os jovens e adultos do sexo masculino, na ausência de atividades tradicionais de caça, pesca e rituais em Meruri. Nesse jogo o jovem aprende a ser bororo, a comportar-se como bororo tanto na relação com outros bororo quanto nas relações de fronteiras. Presenciei a rebeldia de um adolescente e um conflito entre jovens sendo repreendidos com as punições no jogo.

O jogo, antes de ser um esporte, é uma prática social significativa da qual não só os jogadores participam, mas toda a comunidade que de suas casas acompanham e interferem nas relações que ocorrem durante sua realização. Se um time chega mais tarde, se alguns jogadores não aparecem por ser esse jogo uma “brincadeira entre os companheiros”, todos se envolvem nas normas que se deve ter, não

no jogo em si, mas nas relações de compromissos que os mais jovens e os parentes devem uns aos outros.

É dessa prática social cotidiana que as crianças, assim como imitam as danças e outras práticas corporais, imitam o jogo de futebol de seus parentes. Essa prática também se traduz em educação na escola que se propõe intercultural. A seguir, apresento como essa prática aconteceu em duas aulas de Educação Física no contexto da aldeia, como uma forma de explicitar as relações estabelecidas e as maneiras de educar que permeiam o jogo, ou os jogos que perpassam pelo futebol bororo.

O JOGO DA EDUCAÇÃO NA ESCOLA

Na escola, o jogo de futebol acontece como aula de Educação Física e tem por objetivo, segundo um dos professores, proporcionar aos alunos um momento de socialização e ludicidade. A decisão do jogo é do professor que, durante a semana, abstrai meio período para as aulas de Educação Física, concedendo-o ao jogo. Observei no contexto da escola, entre alguns professores, que a punição da turma pelas brigas, não obediência e não cumprimento de tarefas, era tirando-lhes o dia de brincar, o jogo. Decisões semelhantes são recorrentes em inúmeras escolas públicas desse país, isto é, o movimento fora da sala é o prêmio pelo não-movimento dentro dela. Numa ocasião, uma das crianças comentou que não teriam aulas de Educação Física na semana porque o professor ficou chateado com as brigas que ocorreram entre os alunos da turma.

Vale destacar que na cultura bororo, como ocorre em algumas outras etnias, a autoridade, no sentido dado por Mauss (1969), é constituída nas relações cotidianas e consolidada pelos mais velhos que a legitimam, sendo respeitada em todas as instâncias. Assim, a educação se dá para além da escola, mas, nesta, o papel do professor tem uma dimensão mais complexa do que a instrução prevista tradicionalmente em nossas escolas, tanto que o professor, na maioria das escolas indígenas, é sempre uma indicação da comunidade que lhe concede essa autoridade.

[...] para os índios, um ser humano será tanto mais belo quanto for pleno e amadurecido o seu senso de responsabilidade, seja em relação a si mesmo, aos seus próximos ou aos outros seres que o rodeiam. Por esta razão, a beleza não constitui prerrogativa dos jovens, naturalmente aquinhoados por uma etapa de vida favorável ao vigor e à integridade física (Viertler, 2000, p. 163).

É comum entre os boe que uma pessoa comece uma ação e que, mesmo que esta não seja aprovada por todos, receberá o apoio para concluí-la como um direito, pois acredita-se que mesmo que venha a ser uma ação que não resulte em

algo bom, servirá para que haja o aprendizado. A educação é sempre de responsabilidade de todos.

A aula geralmente ocorre na sexta-feira ou na véspera de feriado. Os jogos de futebol das crianças, presenciados e observados em Meruri, foram realizados com as duas turmas de segunda e terceira séries e ocorreram após o lanche até o final das aulas, no período matutino. Os dois professores saíram e retornaram das salas de aulas com as crianças no mesmo horário.

Com isso, um ficou com as crianças no campo da escola e outro no campo oficial da aldeia. Eles são adultos que jogam futebol nos times da aldeia. As outras três professoras não saíram com suas crianças para aulas fora da classe, durante o tempo em que estive na aldeia.

DO JOGO DE FUTEBOL DA SEGUNDA SÉRIE

a) Divisão dos times

Os dois times organizados com os alunos da 2ª série foram compostos pela maioria de meninos (oito) com participação das meninas (seis). Um time ocupou o lado de baixo e outro o lado de cima do campo – o professor referia-se aos times como: de baixo e de cima⁵.

Esse campo (a) é gramado, não tem limites visivelmente demarcados nas laterais e no fundo, mas é delimitado pelas duas traves de madeira (feitas com três caibros). Não possui redes e está localizado entre a extensão da escola e a cerca da missão, ocupando a área lateral da escola, um espaço “ocioso” entre a escola, a missão e a cerca que a delimita em direção à mata, caminho que vai dar no rio e no morro após ele. Sua posição é perpendicular em relação ao rio e à posição do prédio da missão.

O jogo dos menores ocorreu sem nenhuma briga ou divergência. O professor definiu o time de baixo e o time de cima – divisão do campo que aqui será considerado o argumento do professor, isto é, de baixo em relação ao rio, de cima, em relação à aldeia.

5. Essa nomenclatura também apareceu durante a observação dos jogos de futebol dos adultos e em diferentes campos na aldeia e fazem sentido se considerarmos a própria estrutura dessa sociedade. A sociedade bororo é estruturada com base na formação de sua aldeia, em duas metades clônicas: Ecerae e Tugarege, cada uma correspondente a um semicírculo de choupanas (casas) que se completa num círculo em volta da casa-dos-homens (Baito). Cada metade divide-se em quatro clãs garantidos pelas mulheres. E essa estrutura física localiza-se com o curso do sol e em direção ao rio. Essa dinâmica também permeia as formas de nominar os espaços de jogo.

b) Desenvolvimento do Jogo

Durante o jogo, o professor foi o juiz. Apitava as saídas de bola, os gols e as faltas, definindo se a bola era do time de cima ou do time de baixo. Enquanto o jogo desenrolava-se, duas meninas começaram a brincar na grama do campo. Logo em seguida, as outras também se integraram ao jogo de arrancar a grama com as mãos fazendo montinhos. Quando uma resolveu pegar os montinhos das outras e espalhá-los, iniciou-se uma outra fase: as crianças dividiram-se em dois grupos e disputavam quem conseguiria mais grama para jogarem umas nas outras (uma “guerra” de grama), muito alegres; até que uma se levantou e voltou a jogar bola sendo seguida por outras, ficando somente uma a juntar os montes espalhados; em seguida, voltaram algumas para “roubar o monte” guardado na camiseta. Rolavam e riam na grama. O jogo de futebol continuava. Uma menina reclamou que queria a bola, logo fica instituído pelo professor que a falta tem que ser cobrada pelas meninas. Elas entraram no jogo para assumir seu novo papel, garantir a validade do gol, umas mais interessadas, outras menos. Dentre os meninos, uns aceitaram com naturalidade chamando as meninas para os passes, outros continuaram jogando sozinhos. Ocorreu que um time fez mais gols e, com isso, outra regra é instituída: para valer o gol, uma menina tem que ter participado do lance senão o gol será anulado. Um time (o de baixo) é o dos menores e os meninos substituem-se na função de goleiro para garantir que no conjunto consigam fazer ou evitar gols. Isso ocorreu no momento de cobrança de falta contra eles e também quando ocorreu o mesmo ao seu favor.

Entre as crianças que jogavam futebol na segunda série havia duas (um menino e uma menina) que usavam a pintura facial clânica⁶.

c) Comemoração do gol

A comemoração não tem a ênfase que observamos num jogo entre crianças urbanas. É como se o gol fosse atingir o resultado esperado, o time fica satisfeito e continua o jogo sem mudanças significativas no ritmo, que somente é alterado de acordo com o cansaço. Com gol ou sem ele, o jogo vai se desenvolvendo até que chega ao final do tempo previsto para a aula, sem grande diferença. Percebe-se, contudo, uma satisfação maior quando acabam em empate, os times são mais bem

6. A pintura facial é uma marca da identidade clânica. Em outros tempos era também uma forma das mães, avós e tias maternas cuidarem das crianças (com um sentido de saúde também) e aprimorarem suas técnicas de pintura.

distribuídos, é como se as “duas metades”⁷ se complementassem para que o “ritual” fosse bonito.

O professor bororo não ensina técnicas ou sugere posições no jogo, não chama atenção das crianças quanto ao desempenho, quanto à atitude em relação ao colega, nem ao jogo. Sua postura é tranqüila e as crianças se envolvem com o jogo com muita espontaneidade. Usa um termo “não é vau” (ou algo semelhante que tem o sentido de que o comportamento não foi válido de acordo com a regra que ele estabeleceu como válida), assim as crianças vão adequando seus comportamentos à avaliação do professor e aprendem as regras do jogo ali instituídas. O professor e também as crianças geralmente estão de chinelos de borracha, mas, se estes atrapalharem os movimentos, são deixados ao lado do campo.

Uma das meninas não participou do jogo de futebol nem entrou no jogo da grama. Contudo, não observei em nenhum momento preocupação por sua opção de ficar de fora das brincadeiras, nem por parte dos colegas, nem do professor.

DO JOGO DE FUTEBOL DA TERCEIRA SÉRIE

a) Divisão dos times

Sobre a forma de dividir a turma, ora o professor destacou dois alunos e estes, por sua vez, escolheram os colegas, formando cada qual seu time, começando pelos que consideram melhores no jogo, ora fez uma fila (coluna), e dividiu as crianças para um lado e para o outro. Quando sobrava uma criança, ela era incluída no time considerado mais “fraco”. Este time poderia ser o que foi formado por um número menor de meninos; ou um time com desvantagem em número de meninos e meninas considerados mais habilidosos; ou um time em que predominassem as crianças menores; ou ainda, o time constituído em sua maioria por meninas, numa turma em que os meninos predominassem em número e habilidades no jogo.

No time da terceira série, o professor procedeu à organização do time, dividindo-o entre meninos e meninas na tentativa de o jogo ficar mais equilibrado,

7. As metades clânicas constituem-se ritualisticamente como complementares e com obrigação de Mori, Segundo Viertler (1991, p. 218), este termo significa “alimento, nomes, enfeites e privilégios de propriedade estritamente individual, obtidos pelo membro de um clã como retribuição a serviços prestados aos mortos e a indivíduos enlutados ou abandonados da outra metade”. Essas trocas “de mori” são uma prática freqüente e presente no cotidiano, permeiam as relações clânicas bororo nos dias atuais e fazem parte da transmissão dos mais velhos aos mais novos, isto é, fazem parte dos processos de educação bororo.

o que não significou que os meninos, em menor número, fossem mais expressivos no jogo. Um menino ficou no gol e outro chateou-se, ficando fora do jogo observando até que outro ainda fosse negociar com ele seu retorno. As meninas nessa turma eram maioria e dominaram o jogo.

b) Desenvolvimento do Jogo

Eram quatro meninos e seis meninas. O professor e as crianças tiraram os calçados (chinelos). O campo (b) é o campo oficial da aldeia, muito pouco demarcado nas laterais, mas todos sabem os seus limites. As traves são maiores que as do campo da escola (são do tamanho das oficiais de futebol de campo) e também são feitas de caibro. Este campo fica em frente ao Baito (casa central onde ocorrem os rituais) e paralelo ao rio e à missão. Mesmo sendo o campo paralelo ao curso do rio e da missão, o termo empregado para os times foi: o campo que fica voltado para a estrada é do time de cima e o de baixo o que joga no lado do campo que fica em direção à escola.

Nessa turma, o professor teve uma atitude diferente da do outro, aparentando estar mais atento ao jogo em si. Mas a postura das crianças ante o jogo, notadamente as meninas, foi diferente: participaram mais da partida. Elas corriam muito, atentas às posições de ataque e defesa, chamavam-se pelo nome para continuarem no jogo. Isso não impedia que se jogassem no chão, cansadas de tanto correr, e ficassem descansando até a bola retornar ou chegar por perto, ou ainda, ocorrer um lance em que fossem chamadas a participar pelos colegas.

Num determinado momento, ocorreu uma discussão entre as meninas do time B na qual se envolveu também um dos meninos. Essa discussão se deu pelo fato de o time B não conseguir marcar uma menina do time A. Chateado com seu time, o menino saiu do jogo, só voltando com a resolução do problema por alguém do grupo, sem a interferência do professor.

Quando cansavam muito, começavam a pedir para parar o jogo, pois desejavam beber água. O professor apitou e todos foram à escola beber água. Acabado o jogo, o professor recolheu a bola, quase ao término do horário de aula do período matutino, e todos retornaram juntos para a escola e, em seguida, atravessaram o campo de futebol e o centro da aldeia, cada um com seu caderno. Alguns se reuniram e com seus cadernos me "entrevistaram" sobre o porquê das fotos durante o jogo. Com isso, e aproveitando a "entrevista", não pude identificar nenhum interesse no assunto do futebol, não havia comentários sobre o jogo, nem sobre seus resultados, em nenhuma das duas turmas.

Em Meruri, quando jogam futebol, os adultos não recorrem às formas tradicionais de buscar soluções para os cuidados com a saúde, tida como influenciada pelos espíritos maus como o Bope (vivo na memória e expresso na tradição) que se mantém como indicação duma dignidade respeitada antigamente pelos antepassados que perdeu seu valor institucional – político e religioso. Até porque, principalmente nessa aldeia, essa sociedade já tem outras instituições sociais públicas, como as nossas atuais, escolas, hospitais, estradas etc., às quais foram habituados a recorrer sem necessidade de buscar soluções próprias, embora usem uma borracha abaixo do joelho e no tornozelo para não ter dor⁸ nos jogos de campeonatos. O que se percebe é que o conhecimento relativo ao saber escolar não tem a força do saber cotidiano transmitido com sentidos próprios da realidade compartilhada na família, isto é, da “educação do corpo” que se mantém nas sociedades tradicionais, mesmo com mais de dois séculos de contato, por meio do processo de reclusão, quando os adolescentes – menino e menina – são transformados em adultos:

A tecnologia de elaboração do corpo em reclusão se exerce por meio de intervenções sobre os canais de contato entre o corpo e o mundo. Trata-se da manipulação de algumas substâncias que, devendo ou não entrar/sair do corpo, colaboram para seu crescimento e fortalecimento: sangue, sêmen, alimentos, eméticos vegetais, tabaco [...].

A beleza de um corpo será sempre expressão de beleza interna propiciada por um grupo de parentes próximos a um indivíduo, que nele investiram amor, cuidados e recurso, propondo-se a construir um novo ser humano a partir do bebê aprovado por rigorosa seleção social. (Viveiros de Castro, 1987, p. 37).

Algumas práticas corporais observadas, realizadas entre os Bororo, são consideradas por eles “mais bororo” do que outras, assim existem corpos mais bororo que outros, mesmo com estereótipos semelhantes. As qualidades físicas do corpo não são biológicas, embora sua aparência denuncie sua “mistura”, ao contrário, são muito mais sociais e coletivas do que individuais.

8. A dor não é compreendida como acúmulo de ácido láctico produzido pelo organismo no músculo levado à fadiga. Mas acredita-se que o uso da borracha ajuda a dar mais resistência. Essa crença foi observada também entre os jovens e adultos de Cuiabá que trabalham na construção civil, cujo esforço muscular é intenso e exige grande energia muscular, e também em jogadores de futebol das classes populares. Vale lembrar, a exemplo dos povos do Xingu, que os indígenas usam ornamentos de algodão, geralmente tecido na própria perna e braço, desde a infância, para moldar o corpo, dar “força e resistência”, moldar a pessoa, nas palavras de Viveiros de Castro (1987), “fabricação do corpo”.

Essa centralidade do corpo na identidade bororo é tão recorrente que mesmo quando o bororo avalia outro “corpo índio” busca nele as marcas da “pureza genética”; como fica explicitado na observação do professor bororo, nas “fronteiras étnicas” estabelecidas pelo 3º grau indígena:

Na primeira observação que fiz do choque cultural, em relação a povos com presença forte da sua cultura tradicional e os povos com mais tempo de contato com a sociedade envolvente, até eu mesmo, senti momentos de *fraqueza*, fazendo julgamento equivocado sobre as pessoas que não tinham a aparência física tão marcante como os índios de Mato Grosso. [...] confesso que pensei estarem no 3º Grau Indígena pessoas não-índias. [...] O preconceito e a discriminação ainda são grandes [...] senti-me revitalizado, por ter um espaço onde estaremos refletindo a nossa identidade, a nossa própria autonomia [...] (Adugoenau⁹, 2003, p. 69).

Sua afirmação reforça a observação feita durante a pesquisa, visto que os mestiços (diferentes dos “bororo de verdade”), já marcados fisicamente (hereditariamente), têm necessidade de afirmar suas identidades “verdadeiras” nos rituais e cerimônias em que a identidade coletiva é constituída. O futebol acaba sendo uma estratégia dessa afirmação, quando, por serem habilidosos no futebol, são convocados pela comunidade a representar bem os bororo, ante os braido. Assim, a identidade construída socialmente no cotidiano é evidenciada nos momentos de explosão de sentimentos (raiva, alegria etc.), de eventos e das práticas corporais, em que o corpo é evidenciado como expressão de uma identidade coletiva.

Na participação dos *boe* no campeonato regional com os times da cidade, o corpo mestiço fortaleceu-se como corpo bororo ao fortalecer a própria comunidade. Esses momentos asseguram e fortalecem a coesão e as relações bororo que os faz sobreviver no dia-a-dia como grupo, como comunidade.

O futebol oficial, fora da aldeia, com objetivo de disputa, traz consigo todas as características de competição em que a tensão e o nervosismo dos jogadores são compartilhados pela comunidade. O jogo assume o aspecto de momento de integração, é nessa prática social/prática corporal que a comunidade de Meruri entra em relação oficial com a sociedade envolvente e revive e ressignifica as possibilidades de integração, cujos sentidos para os bororo, tanto quanto para os não-

9. Nota do autor: “Acadêmico do 3º Grau Indígena, professor Bororo na aldeia Córrego, município de Santo Antônio do Leverger, Mato Grosso”. Artigo “Educação Escolar Indígena: um caminho para a autonomia”, de Félix Rondon Adugoenau, *Cadernos de Educação Escolar Indígena – 3º Grau Indígena*, v. 2, n. 1 – p. 67-70, 2003 – Barra do Bugres-MT.

índios com os quais jogaram, vão sendo modificados a partir da própria relação vivida no calor da paixão do jogo em si.

[...] A emblemática do futebol é total, quer dizer, ela abrange todo o conjunto do jogo, e não apenas uma e outra equipe, separadamente. Derrotar o adversário significa decifrar-lhe os oráculos, desencantar o enigma: só se derrota aquilo que se conhece (Aguiar, 1999, p. 160).

Assim, o futebol possibilita o jogo de conhecer o outro e dar-se a conhecer pelo outro, numa relação em que ambos entram em cena “em pé de igualdade”, são jogadores que pretendem dominar a bola e as regras para vencer o adversário, sem o qual não haveria possibilidade de jogo. O sentido do futebol muda conforme o contexto e o que “entra em jogo” nas relações entre os participantes. Quando o futebol é jogado como “campeonato”, os ânimos são exaltados e expõem as paixões e as contradições vividas no cotidiano, denunciando-as e possibilitando uma nova acomodação com novas relações que se estabelecem quando o futebol acaba e a “vida continua o jogo”.

FINAL DO JOGO

A partir desta pesquisa, posso afirmar que o futebol em Meruri tem caráter polissêmico e permeia as demais práticas corporais que constituem a identidade bororo e possibilitam a fabricação do boe em contextos interculturais. Com os diversos jogos de futebol que os bororo criaram em sua cultura, o futebol pode ser identificado pelo sentido lúdico e educativo do jogo, por possibilitar às crianças relações entre si e com o mundo adulto, vivenciando simbolicamente a realidade sociocultural da aldeia e de seu povo. Pode ser identificado como um jogo que possibilita a fabricação do corpo forte, resistente, equilibrado e ágil, necessário à vida cotidiana, ao mesmo tempo em que proporciona aos adultos um espaço de integração entre os clãs e metades, para discutir e resolver as diferenças presentes no cotidiano da aldeia (jogo masculino e jogo feminino). Além disso, esse jogo é uma estratégia bororo por configurar-se como um espaço de “fronteira étnica e cultural”, em que entram numa relação de igual jogadores e não-índios. Educar os mais jovens para essa relação também se dá no contexto do jogo, em que a transmissão de técnicas corporais possibilita uma educação do “corpo (ser) boe” para o enfrentamento das emoções – em situação de “guerra”.

Acredita-se, pelo vivido entre os boe, que o verdadeiro jogo pode proporcionar relações entre diferentes corpos que se comunicam numa linguagem que não precisa de tradução e que possibilita a percepção do outro em várias dimen-

sões, em novas formas de conhecer e conhecer-se. Respeitando-se e interagindo entre si, os corpos de diferentes matizes descobrem aspectos comuns e diferentes do comportamento de cada um. O resultado desse “confronto cultural” expõe, numa mesma prática corporal/social, diferentes técnicas corporais. A diversidade pode assim estar presente numa mesma prática social – o futebol – em que são utilizadas técnicas corporais com intencionalidades, valores e sentidos diferentes.

The game of identity Boe: the education of the body
in relations of ethnic and cultural frontiers

*ABSTRACT:*The game in the context of the Meruri Village, among the Bororo, it was analyzed from the data from ethnographic research in 2001, with the objective to comprehend how the relations establish among different manners to be from corporals practices. The diverse forms of the football to present as social practice, aims to the complex relations which the game potentialize in spaces of ethnic and cultural frontiers. Its polissemic and intercultural character allows to visualize the complex and contradictory dimensions on which are the education of the body boe and the relevance that the corporality assumes to the comprehension of a specific indigenes culture.

KEY-WORDS: Game; football; intercultural education.

El juego de la identidad Boe: la educación del cuerpo
en relaciones de fronteras étnicas y culturales

*RESUMEN:*El juego en el contexto de la aldea de Meruri, entre los Bororos, fue analizado de acuerdo con los datos de la investigación etnográfica realizada en el 2001, con el objetivo de entender como se establecen las relaciones entre diversas maneras de ser; a partir de las prácticas corporales. Las diversas formas en que el “fútbol” presentan como práctica social, reflejan las complejas relaciones que el juego potencializa en los espacios de fronteras étnicas y culturales. Su carácter polisémico e intercultural hace posible que se visualicen las dimensiones complejas y contradictorias donde se da la educación del cuerpo boe y de la importancia que la corporalidad asume para la comprensión de una cultura indígena específica.

PALABRAS CLAVES: Juego; fútbol; educación intercultural.

REFERÊNCIAS

ADUGOGENAU, Félix Rondon. “Educação escolar indígena: um caminho para a autonomia”. Cadernos de educação escolar indígena – 3º grau indígena, v. 2, n. 1, Barra dos Bugres, p. 67-70, 2003.

AGUIAR, F. Notas sobre o futebol como situação dramática. In: BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira: temas e situações*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. *Teorias da etnicidade*. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth / Philippe Poutignat, Jocelyne Streiffenard. Trad. de Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

CRESPO, J. *Antropologia do jogo*. Publicação n. 4 – Exclusivo para uso interno – Associação dos Estudantes (Isef), Lisboa, s.d.

GRANDO, B.; HASSE, M. Índio brasileiro, "integração" e preservação. In: *Culturas no Plural: estudos emergentes*. Reinaldo Fleuri (Org.). Grupo de Pesquisa Integrado/Educação Intercultural - UFSC/CED, Florianópolis, 2002, p. 101-116.

LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1993.

LOPES DA SILVA, A. Pequenos "xamãs": crianças indígenas, corporalidade. In: LOPES DA SILVA, A.; NUNES, A.; MACEDO, A. V. L. (Orgs.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global, 2002, p. 37-63.

MAUSS, M. As técnicas corporais. In: *Sociologia e antropologia*, V. II – Trad. de Lamberto Puccinelli. São Paulo: EPU, 1974, p. 211-233.

MAUSS, M. *Manual de etnografia*. Trad. de J. Freitas e Silva. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

MAUSS, M. Transmission de la cohesion sociale. Tradition education. In: *Oeuvres*. v. 3: Cohesion sociale et divisions de la sociologia. Paris: Les Editions de Munuit, 1969, p. 328-346.

NUNES, A. No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uw-Xavante. In: LOPES DA SILVA, A.; NUNES, A.; MACEDO, A. V. L. (Orgs.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global, 2002, p. 64-99.

OCHOA CAMARGO, G. (Org.). *Meruri na visão de um ancião Bororo: memórias de Frederico Coqueiro*. Campo Grande: UCDB, 2001.

RIBEIRO, B. G. *O índio na história do Brasil*. São Paulo: Global, 1997.

SEEGER, A.; DA MATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. B. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. In: OLIVEIRA FILHO, J. P. de (Org.). *Sociedades indígenas & indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/Marco Zero, 1987, p. 11-29.

TASSINARI, A. M. I. Da civilização à tradição: os projetos de escola entre os índios do laçã. In: LOPES DA SILVA, A. e LEAL FERREIRA, M. K. (Orgs.). *Antropologia, história e educação*. São Paulo: Global/Mari, 2001, p. 157-195.

TASSINARI, A. M. I. *No bom da festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá*. São Paulo: Edusp, 2003.

TURNER, V. *O processo ritual*. estrutura e antiestrutura. Trad. de M. C. de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

VANGELISTA, C. Missões católicas e políticas tribais na frente de expansão: os Bororo entre o séc. XIX e o séc. XX. *Revista de Antropologia*. Publicação do Departamento de Antropologia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo. São Paulo, v. 39, n. 2, p.165-197, 1996.

VIERTLER, R. B. *A refeição das almas*: uma interpretação etnológica do funeral dos índios Bororo, Mato Grosso. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1991.

_____. A beleza do corpo entre os índios brasileiros. In: QUEIROZ, R. da S. (Org.). *O corpo do brasileiro*: estudos de estética e beleza. São Paulo, Senac, 2000, p.155-181.

VIERTLER, R. B. *A duras penas*: um histórico das relações entre índios Bororo e “civilizados” no Mato Grosso. São Paulo: FFLCH-USP, 1990.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B. A fabricação do corpo na sociedade xinguana. In: OLIVEIRA FILHO, J. P. de (Org.). *Sociedades indígenas & indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ-Marco Zero, 1987, p. 31-41.

Recebido: 6 jun. 2005
Aprovado: 10 ago. 2005

Endereço para correspondência
Dra. Beleni Saléte Grendo
Campus U. Cavalhada
Cáceres – MT
CEP 78200-000